

GLEICI CRISTINA WALKER

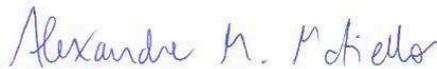
EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL, O ESPAÇO ESCOLAR E O
TERRITÓRIO EM SEU ENTORNO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PARQUE
CIDADÃ CYRO SOSNOSKY

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia apresentado
como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador (a): Prof.º Me. Alexandre Mauricio Matiello

Este trabalho de conclusão de curso foi deferido e aprovado pela banca em:
27 / 06 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Me. Alexandre Mauricio Matiello (orientador)



Prof.ª Me. Aureliã Lopes Gomes



Prof.º Dr. Claudécir dos Santos

EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL, O ESPAÇO ESCOLAR E O TERRITÓRIO EM SEU ENTORNO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PARQUE CIDADÃ CYRO SOSNOSKY¹

Gleici Cristina Walker²

RESUMO:

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada na Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky, que teve como objetivo geral compreender qual a influência da arquitetura nos processos educativos da educação em tempo integral. Como objetivos específicos: verificar os aspectos favoráveis e desfavoráveis da arquitetura da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky para a educação em tempo integral e para as suas práticas educativas; identificar a percepção de estudantes, docentes e gestores acerca do espaço escolar e apontar sugestões de mudanças ou de permanência para a realização das práticas de ensino em tempo integral. A ideia de trabalhar com esse assunto surgiu por meio do questionamento sobre a apropriação de educadores do espaço escolar e se existe alguma limitação no planejamento pedagógico gerada pelo planejamento arquitetônico da escola. Por meio de abordagem qualitativa multimétodos, foram analisados os resultados de: entrevistas semiestruturadas com docentes e gestores, *Walkthrough*, Jogo da Memória e o desenho, sendo que os dois últimos instrumentos foram aplicados com crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Como referencial teórico, apoiamos-nos nas contribuições dos autores a respeito da educação integral e da arquitetura dos espaços educativos. Destacamos como resultados a não incorporação da proposta de educação integral em sua totalidade; falta de apropriação por parte da escola para fazer uso do território em seu entorno, a necessidade de readequação dos espaços além da ampliação do espaço físico, bem como a ausência de incentivo e formação continuada por parte da secretária municipal de educação.

Palavras-chave: Educação Integral; Escola em tempo integral; Arquitetura escolar.

INTRODUÇÃO

A escola é o espaço mais importante da vida do ser humano, pois é ali que ele inicia sua vida social e permanece nele por muitos anos. Por isso a necessidade de nós, educadores, olharmos para o espaço escolar com rigor e atenção, para que possamos realizar uma análise correta das possibilidades pedagógicas desse espaço e do quanto pode influenciar no trabalho docente, principalmente quando abriga o ensino integral.

A educação integral não é apenas a ampliação da carga horária disponibilizada pela escola, é a ampliação das possibilidades de ensino, a interação dos “espaços de aprendizagem em parceria com a comunidade” (GADOTTI, 2009, p. 38), e é também a concretização da

¹ Artigo produzido como requisito parcial para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, sob orientação do Prof.º Me. Alexandre Mauricio Matiello.

proposta de “integralidade, isto é, um princípio pedagógico onde o ensino da língua portuguesa e da matemática não está separado da educação emocional e da formação para a cidadania” (GADOTTI, 2009, p. 41). Para o autor, a educação precisa ser integral, integrada e integradora, não há possibilidade de pensar em um ensino integral que não aborde essas três concepções.

No entanto, nas experiências de educação integral no Brasil o espaço tem sido uma preocupação, pois quando falamos desse espaço de educação integral podemos perceber que “os educadores raramente incluem o prédio escolar em suas propostas pedagógicas e os arquitetos, por sua vez, tratam o projeto como atividade *intuitiva*, considerando terem o saber e a autonomias suficientes para equacionar o problema” (AZEVEDO, 2002, p. 9, grifos da autora), logo, essa ausência de diálogo tem como consequência espaços inapropriados de ensino. A arquitetura da escola para o ensino integral assume um papel importante, pois precisa contemplar tanto o ensino regular quanto as atividades do contraturno, um espaço mal planejado gera no usuário a insatisfação, prejudicial à educação integral do sujeito.

A realização deste estudo é importante para a educação pela relevância que o tema exerce em nossas práticas de ensino, já que somos totalmente afetados pelo espaço que nos cerca. Nesse sentido, a escolha da Escola Parque Cidadã³ Cyro Sosnosky⁴ se deve por funcionar em tempo integral, o que repercute na necessidade de um olhar diferenciado, com objetivos específicos para que os educadores tenham um entendimento aprofundado sobre o que é “Escola Parque”, qual sua metodologia de ensino e como seu espaço pode influenciar nas práticas educativas.

³ “Escola Parque” é a denominação utilizada para escolas que atendem alunos em período integral. A primeira escola parque no Brasil foi fundada em 1932, na Bahia, por Anísio Spínola Teixeira (DÓREA, 2000). Em Chapecó, a Escola Parque começou a ser implantada em 2007, com base na Lei Complementar nº 48/1997. (Disponível em <<http://cm-chapeco.jusbrasil.com.br/legislacao/991651/lei-complementar-48-97>> acesso em 12 out.2015). A primeira escola a atender em tempo integral foi a Escola Parque Cidadã Leonel de Moura Brizola. Atualmente o município de Chapecó possui duas escolas atendendo o ensino integral com esta denominação.

⁴ Inicialmente, tínhamos a pretensão de realizar o estudo nas duas escolas de Chapecó que atendem em tempo integral, mas por questões de receptividade, optamos por desenvolver nosso estudo na Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky, que apresentou melhor receptividade diante da apresentação do projeto de pesquisa.

A história da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky (que se denominava inicialmente Escola Básica Municipal Vila Páscoa) iniciou no ano de 1998, com a criação do Loteamento Vila Páscoa, em Chapecó – SC, pois nessa área da Grande Efapi existia apenas a Escola Básica Municipal Fedelino Machado dos Santos (Ver localização na imagem 01). No início, tanto os alunos do loteamento Vila Páscoa como de outros loteamentos estudavam na escola do bairro, porém, com o rápido crescimento fez-se necessário a instalação de mais uma escola.



IMAGEM 01 – Localização das escolas públicas na área da Grande Efapi

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Chapecó-SC

Edição: Alexandre M. Matiello

Antes de ter seu próprio prédio, as aulas da escola aconteciam no pavilhão da comunidade Vila Páscoa e, mais tarde, passaram a acontecer no

salão comunitário do Loteamento Thiago. O espaço temporário de educação permaneceu até o ano 2001, quando, após esses três anos e motivada por uma extrema necessidade, foi construída a primeira parte do prédio que até hoje está localizada a então chamada Escola Básica Municipal Vila Páscoa. Em 2002, foi construída a parte onde se localiza a secretária, e o bloco de salas da frente e ano de 2005 foram construídas mais quatro salas (que estão localizadas no piso térreo), para serem utilizadas a partir de 2006.

A escola, no ano de 2007, passou a chamar-se Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky e, em 2008, começou a atender seus alunos na modalidade de educação integral. Até meados de 2006 a escola atendera apenas alunos do 1º ao 8º ano, e em 2007 passou a atender também as séries compreendidas entre o 1º ao 5º ano, como forma de preparação para educação integral.

Em 2009 foi construída mais uma parte da escola, onde se concentram as oficinas do período integral e no piso superior o ginásio de esportes. No ano de 2013 a escola estava atendendo em torno de 20 turmas no período integral e, por solicitação dos pais e incentivo da secretaria de educação municipal, realizou-se uma votação com a comunidade para decidir

quais seriam as possíveis mudanças. Os pais sentiram-se motivados em solicitar a redução do tempo de permanência na escola pelo cansaço demonstrado por seus filhos e também pela ausência de resultados pedagógicos do ensino integral. A comunidade decidiu que a escola deixasse de atender todos os alunos no período integral e contemplasse o ensino até o 9º ano. Contudo, por decisão da direção da escola, manteve-se minimamente o turno integral para uma turma de cada série, do 1º ao 5º ano.

Atualmente a escola dispõe de 34 turmas, contemplando o ensino do pré-escolar até o 9º do ensino fundamental. Dessas, 2 turmas são do pré-escolar, 20 da 1ª a 5ª ano do ensino fundamental, considerando que 5 turmas (uma de cada série) são oferecidas em período integral e o restante em tempo parcial. Além disso, são atendidas quatro turmas da 6ª ano, 4 turmas da 7ª ano, 3 turmas da 8ª ano e 1 turma da 9ª ano.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender qual relação entre a arquitetura do prédio escolar e os processos educativos em educação integral na Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky e como objetivos específicos verificar os aspectos favoráveis e desfavoráveis da arquitetura da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky para a educação em tempo integral e para as suas práticas educativas; identificar a percepção de estudantes, docentes e gestores acerca do espaço escolar; e, apontar sugestões de mudanças ou de permanência para a realização das práticas de ensino em tempo integral.

A ideia de trabalhar com esse assunto surgiu por meio do questionamento sobre a apropriação de educadores sobre o espaço escolar e também se existe alguma relação entre o planejamento pedagógico e o planejamento arquitetônico da escola. Para que possamos refletir sobre o espaço escolar e sobre as práticas educativas que acontecem ali e no seu entorno, faz-se necessário utilizar metodologias e instrumentos de pesquisa que englobem a visão dos adultos, mas, acima de tudo, a visão da criança, que é o foco da educação.

Para o desenvolvimento deste artigo foram utilizados diversos instrumentos de pesquisa comuns em abordagens metodológicas qualitativas, tanto no âmbito da pesquisa em Educação como da pesquisa em Arquitetura de Espaços escolares⁵, a fim de formar um arcabouço capaz de expor ao leitor uma visão ampla de como acontece a relação entre a arquitetura e os processos educativos da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky.

Realizamos atividades de entrevistas, desenho, Jogo da Memória e *Walkthrough*. A primeira metodologia foi aplicada com o corpo docente da escola, a segunda e a terceira com

⁵ Serviu-nos de referência indireta variados artigos do GAE/UFRJ – Grupo Ambiente-Educação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e suas abordagens multimétodos. Optamos neste artigo por não referenciar estas produções individualmente.

os alunos e a última com o acompanhamento da gestão e posteriormente em visita individual. Optamos por aplicar as atividades com os alunos do 1º, 3º e 5º anos do ensino fundamental afim de apreendermos a percepção de alunos do início, do intermediário e do final dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a abordagem com os estudantes, considerando a faixa etária de 6 (primeiro ano) até 13 anos (quinto ano), percebemos que não seria conveniente a realização de entrevistas e, por isso, optamos por instrumentos que serviram como pretexto para conversas do tipo “Grupo Focal⁶”. Com os alunos do primeiro ano trabalhamos com desenho e com os alunos do terceiro e quinto ano trabalhamos com o “Jogo da Memória⁷”.

Antes da execução da atividade com os alunos, a entrevistadora foi em cada sala de aula e explicou o que faria na escola e entregou aos alunos um bilhete explicativo junto com o termo de consentimento. Os alunos deveriam levar os termos aos seus familiares e solicitar que os mesmos assinassem e devolvessem. Além disso, antes da aplicação de cada atividade, aconteceu uma conversa com a professora regente de cada turma, na qual a entrevistadora explicou qual o objetivo da pesquisa e o que seria proposto aos alunos.

Após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados supracitados, realizamos trabalho em gabinete para análise dos resultados obtidos, estabelecendo para isto, no processo de orientação, comparações entre o que foi obtido em cada instrumento, evidenciando repetições. No caso particular das entrevistas, buscamos nas falas recuperar seja o dito – bem como o não dito – que pudesse responder aos objetivos da pesquisa.

Além desses instrumentos, a pesquisa também se deteve na análise documental, basicamente do Projeto Político Pedagógico da Escola, e na revisão bibliográfica que se ateu sobre aspectos conceituais e históricos da educação em tempo integral, espaço escolar da educação em tempo integral e novos territórios educativos. Optamos por não desenvolver um item específico de revisão teórica neste artigo pelo espaço limitado que dispomos, mas realizaremos uma inserção dos autores estudados nas interpretações, lançando luz em nossas análises.

⁶ *Grupo Focal* é uma técnica de pesquisa qualitativa, tradicionalmente utilizada pelo GAE/UFRJ – Grupo Ambiente-Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro trata-se de uma conversa em grupo com um pretexto, dirigida pelo pesquisador.

⁷ *Jogo da Memória* é um instrumento de pesquisa qualitativa, utilizado e divulgado em caráter experimental pelo GAE no Workshop pelo GAE/UFRJ – Grupo Ambiente-Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Workshop “Do Território Escolar ao espaço educativo”, disponível em: <[http://www.gae.fau.ufrj.br/assets/s%C3%ADntese-workshop-\(comprimido\).pdf](http://www.gae.fau.ufrj.br/assets/s%C3%ADntese-workshop-(comprimido).pdf)>. Acesso em 13 jun. de 2016.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky é um espaço onde as crianças de algumas turmas permanecem em jornada integral. Portanto, entendemos que este espaço merece um olhar diferenciado e uma análise capaz de incorporar as necessidades dos usuários, crianças e adultos, para conseguir como resultado uma educação integral do sujeito⁸.

A escola possui como proposta para o ensino integral:

Oferecer oficinas no turno inverso das aulas, aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou às crianças com risco social, com atendimento feito com monitores voluntários no espaço escolar ou fora dele, conforme a disponibilidade de espaço físico. Na EPC Cyro Sosnosky, por ser uma escola de tempo integral, uma turma de cada série do ensino fundamental são contempladas nas oficinas. Estas contam com o trabalho de professora habilitado na área e, devido à grande demanda de educandos, os monitores auxiliam o professor em cada espaço. (PPP, p.14).

A aplicação dos instrumentos de pesquisa citados acima nos proporcionaram analisar o entendimento e apropriação dos sujeitos pertencentes à Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky sobre os espaços em que ocorrem as atividades da escola. A educação, por ser ampla, vem sendo alvo de muitos estudos, no entanto não se valoriza tanto o local onde a educação acontece, ou melhor, o local que foi pensado para educar: a escola. E o que acontece quando um espaço que foi planejado para um método de educação passa atender outro? Ou então atende dois segmentos diferentes: educação tradicional e educação integral? Como nos mostram Frago & Escolano “O espaço não é neutro. Sempre educa. Resulta daí o interesse pela análise conjunta de ambos os aspectos – o espaço e a educação –, a fim de se considerar as suas implicações recíprocas” (1998, p.74), como também qual a influência de tal projeto arquitetônico.

Entrevistas: a percepção de gestores, coordenação e docentes

Com a finalidade de capturar a percepção de docentes e gestores, optamos por utilizar a entrevista semiestruturada individual, com gravação de áudio. Desenvolvemos quinze questões (para a análise, dividimos as questões em cinco grupos) que abordam a arquitetura escolar,

⁸ “A escola de tempo integral deve proporcionar estudos complementares e atividades de esporte, cultura, lazer, estudos sociais, línguas estrangeiras, cuidados de saúde, música, teatro, cultivo da terra, canto ecologia, artesanato, corte e costura, informática, artes plásticas, potencializando o desenvolvimento da dimensão cognitiva e ao mesmo tempo afetiva e relacional dos alunos, entre outros” (GADOTTI, 2009, p. 38). É importante que na educação integral sejam aproveitadas todas as potencialidades da comunidade.

educação integral e usuários. Antes de cada entrevista foi entregue o termo de consentimento e explicado que o entrevistado poderia desistir a qualquer momento.

Foram realizadas o total de cinco entrevistas com docentes, coordenação pedagógica e equipe gestora. Dos cinco entrevistados, foram escolhidos três, entre docentes efetivos ou cuja contratação temporária com tempo de vínculo contínuo com a escola não fosse menor que cinco anos, bem como a garantia de abarcarmos tanto quem atuasse nas oficinas como regente. No que se refere às outras duas entrevistas, uma foi com um membro da gestão e outra com um membro da coordenação pedagógica.

Trabalhamos com várias questões que abordavam os seguintes temas, i) a opinião individual acerca da compreensão de educação integral e suas implicações no atuar docente em uma escola que funciona em tempo integral; ii) a avaliação do espaço físico ou mudanças que gostariam que acontecessem; iii) os espaços construídos e não construídos da escola, bem como o território do entorno escolar e seu uso como recurso pedagógico; iv) a percepção que os entrevistados têm sobre a influência da arquitetura escolar para as atividades e v) o comportamento dos usuários da educação integral.

Sobre a *compreensão de educação integral e suas implicações no atuar docente*, surgiram respostas que nos remetem a sensação de que a escola é lugar de proteção quando comparada à rua e seus perigos, evidenciadas nas seguintes falas⁹: “[...] eu acho que a escola tem uma boa segurança, toda cercada, cerca sem furos, então é difícil entra uma pessoa estranha dentro da escola [...]” (professor 3) e também “[...] eu penso que enquanto eles estão aqui, eles não estão na rua né, [...] pelo menos é um lugar seguro” (professor 5). Essas falas confirmam o que Gadotti (2009) diz: que a cidade está assustando as crianças e que ela precisa mudar, que a criança tem o direito de tornar a rua seu território, a cidade de hoje foi pensada nos trabalhadores e não nas crianças que brincam. Entendemos que o estigma de uma vizinhança violenta – mencionado informalmente pelos docentes e gestores – pesa sobre o contexto em que a escola está inserida, e que o fechamento dela em si reforça tanto os motivos que a educação seja uma atividade “ilhada” no bairro quanto para reforçar o papel de proteção da escola.

Quanto às implicações do atuar docente, percebemos a diferença da educação integral quando comparada à educação parcial na fala do professor 3: “[...] uma visão multidisciplinar, interdisciplinar, aliás, porque aliar as disciplinas que são de espaços de vivência [...], aliar as atividades que estão realizadas dentro do currículo normal é um desafio né? [...]”. Contudo esse

⁹ Todas as falas citadas no corpo do artigo estão fidedignas aos vícios de linguagem e demais propriedades naturais da fala.

“desafio” é encarado de maneira mais contundente na fala do professor 1 quando menciona, referindo-se à atuação da Secretaria Municipal de Educação, que “[...] mesmo a gente querendo sugerir alguma coisa, a gente não tem essa abertura, as coisas vem determinadas [...]”, o que denota a centralidade do planejamento pedagógico pelo órgão central e as dificuldades de se implantar inovações na educação integral tanto na escala da escola quanto da gestão superior.

Nas questões que abordavam a *avaliação do espaço físico ou mudanças* que eles gostariam que acontecessem, percebemos que existe a necessidade de ter mais salas. Por essa falta de espaço, ocorreu o cancelamento da Oficina de Judô que acontecia no mesmo espaço da Oficina de Dança, e como aconteciam várias mudanças físicas de adequação às oficinas, optou-se por excluir uma delas. Uma necessidade recorrente entre as falas é que “[...] precisaria resolver a questão da rampa de acesso a cadeirante no ginásio¹⁰ [...]” (professor 3) ou também na seguinte fala “[...] o ginásio de esportes, por exemplo, [...] que a estrutura não foi feita adequadamente pra cadeirante ter acesso por exemplo” (professor 2), demonstra que a escola não está totalmente preparada para receber um aluno com deficiência física. Podemos perceber que uma escola necessita de um bom planejamento, iniciando é claro pela questão arquitetônica.

Além das necessidades de melhorias acima citadas, algo que surge como uma necessidade dos docentes é que poderia “[...] tipo te, um espaço só pro descanso, [...] que aqui tu viu que a gente não tem espaço só pro descanso, é em sala de aula mesmo [...]” (professor 5). Percebemos que essas atividades de empilhar carteira, espalhar colchonete, e assim sucessivamente, gera aos funcionários um desgaste muito grande, além de que a sala de aula, com materiais pedagógicos espalhados pelas paredes, não é propícia ao descanso dos estudantes¹¹, pois aspectos de conforto ambiental (como carteiras amontoadas) e visual (como a claridade em excesso) não colaboram favoravelmente às melhores possibilidades de repouso. Tal posição pode ser confirmada na fala o professor 5 “[...] o descanso também é um momento pedagógico [...]”. Diante disso, acreditamos que esse momento tão importante que é o intervalo entre os turnos, pode não ser favorável se ocorrer em um local inadequado.

Sobre os *espaços construídos e não construídos da escola*, bem como o *território do entorno escolar e seu uso como recurso pedagógico*, percebemos que a escola faz uso de todos os espaços construídos e abertos do seu terreno, sendo que o jardim e os canteiros de verduras são frutos da oficina de horta, meio ambiente e jardinagem, que iniciaram somente este ano de

¹⁰ Observamos que não existe rampa de acesso ao ginásio dentro do pátio escolar, esse acesso ao deficiente físico existe apenas pela parte externa da escola, o que dificulta, sobretudo em dias de chuva.

¹¹ O descanso acontece sempre depois do almoço, entre 11h45min e 12 h45min. Ocorre em quatro salas, sendo duas para as meninas e duas para os meninos. Em cada sala, sempre fica um professor para cuidar dos alunos.

2016. No entanto, percebemos que não há quase nenhum uso da biblioteca para o fim das oficinas em tempo integral, pois ela é bem pequena e sem espaço é direcionado, apenas para a organização do acervo. As áreas cobertas são usadas para o intervalo, que é livre de atividade pedagógica, sendo pouco otimizadas para atividades das oficinas, com exceção de poucas apresentações em datas especiais. Contudo, obtivemos essa percepção por meio do *walkthrough* e da conversa com o gestor, não necessariamente das entrevistas, as quais evidenciaram pouca apropriação do espaço para além da sala da oficina por parte dos conteúdos mais inovadores do currículo da educação integral.

Já na percepção que os entrevistados têm da *influência da arquitetura escolar para as atividades do período integral*, alguns não percebem essa influência, mas o professor 3 nos diz que “[...] além das salas serem bem arejadas e iluminadas, com ar condicionado, [...] têm várias salas que tem pias dentro [...]” no entanto, considera que o espaço externo da escola “[...] deveria ser maior, [...] que isso impacta bastante né, maiores espaços porque se não os alunos se sentem um tanto presos aqui né, eles vem, tem que ficar num espaço muito restrito [...]”, evidenciando não só aspectos de conforto sensorial, mas também a necessidade de um pátio maior.

Para Faria:

Os pátios e os demais espaços livres nos remetem à ideia de pulmão, pele, boca. Narina. É por onde a cidade e a escola respiram, transpiram. É por onde escapa o interdito, o que não pode ser dito e feito na sala de aula. Gritos e correria. Mas também briga e lixo. (2011, p. 43)

Desta forma, a escola e os alunos precisam do pátio para se libertar do aprisionamento que a sala de aula oferece. Se uma escola não tem um pátio adequado ao número de alunos, esse espaço não consegue remeter nas crianças a ideia de liberdade. Também para Kowaltowski (2011) pensar no pátio escolar durante o planejamento de uma escola é fundamental, pois as crianças precisam ter uma forte relação com o ambiente externo. Além disso, é preciso considerar também que o espaço externo favorece consideravelmente o desenvolvimento motor da criança.

Diante disso, tais considerações vão ao encontro das postulações feitas por Faria e Kowaltowski, pois a necessidade de espaço é evidenciada quando os docentes dizem que “[...] precisaria ter uma parte externa de contato mais com a natureza, com uma ala de lazer maior [...]” (professor 3) e também que o “[...] espaço de lazer, por exemplo, que ele não tem, o espaço da física (educação física) todo tomado pela construção [...]” (professor 2). Na realidade, o espaço da escola está praticamente todo construído, porém, partindo do pressuposto

pedagógico, a necessidade do espaço ao ar livre abre um leque muito maior de possibilidade do que as paredes da sala de aula.

Sobre o *comportamento dos usuários da educação integral*, grande parte dos entrevistados responderam que a arquitetura influencia no comportamento dos estudantes “[...] a gente percebe claramente nas crianças que no período já, da tarde [...] é uma espécie de inquietação nas crianças sabe, não é mais fácil te um controle do comportamento deles [...]” (professor 1), evidenciando também que “dá pra perceber sim, eles não vejam a hora de chegar a oficina da hora da horta e do jardim pra eles saírem um pouco da sala né, então eles ficam ansiosos [...]” (professor 4). Nas falas supracitadas fica ainda mais evidente a necessidade que o aluno tem de espaço externo, de sair da sala de aula.

São nos pequenos exemplos que percebemos, como na fala do professor 5 “[...] eu vejo a profe de Português¹², ela vem fazer leitura aqui fora [...]”, uma concordância com as postulações de Gonçalves e Flores (2011, p.31), que consideram que “disciplinas mais teóricas como História e Português podem se valer de dramatizações realizadas ao ar livre para reviver momentos históricos ou peças literárias significativas”. Portanto, subentende-se que o pátio não é apenas para uso livre, mas também para uma atividade pedagógica que tradicionalmente ocorre no espaço da sala de aula.

Como apresentado anteriormente, a Escola Parque Cidadã Cyro Sosnoky não foi construída para atender em tempo integral. Como consequência, sentida e expressada pelos entrevistados, a escola apresenta grande falta de planejamento, como salas pequenas e móveis inadequados. Por exemplo, ao falar da escola alguns dizem que “[...] o formato da construção que não foi planejado pra ser integral [...]” (professor 2) ou também quando se pensa que os alunos “[...] possam ter um pouco mais de liberdade, porque nós trabalhamos numa escola parque onde as crianças saem de uma sala pra outra (sala), ela fica em sala o tempo todo, então, e já não tem nem na própria, no próprio espaço da escola não teria onde faze isso, o espaço da escola não foi criado pra um espaço de escola parque, foi criado pra uma escola normal.” (Professor 1).

Essa falta de planejamento tem gerado grandes frustrações, pois o aluno fica praticamente o tempo todo “preso” no espaço da sala de aula. Esse aprisionamento gera na criança uma inquietude que reflete nos docentes, tendo como consequência um mau aproveitamento das potencialidades da educação integral.

¹² Quis dizer, Oficina de Português.

Quanto ao uso do entorno da escola, percebemos nas entrevistas que não existe essa apropriação como recurso pedagógico, mas que existe próximo à escola o CEU¹³ (Centro Unificado de Cultura), o qual “[...] um professor pode marcar horário pra ir lá e aproveita o que tem [...]” (professor 1) e que lá “[...] existem atividades a cada dois meses, as crianças têm atividades teatrais lá, têm atividades desportivas [...]” (professor 3). Porém se “a educação integral envolve o entorno das escolas, ampliando a cultura da escola para além dos muros da unidade escolar” (GADOTTI, 2009, p. 51), é importante que a escola busque formas de apropriar o território ao seu entorno como recurso pedagógico, ampliando as possibilidades de aprendizado dos alunos¹⁴.

Ao analisarmos o Projeto Político Pedagógico (PPP), o documento que oficializa o compromisso da escola com a comunidade na qual ela está inserida, percebemos no item que diz respeito às formas de avaliação institucional que é por meio das reuniões do Conselho Escolar que a comunidade vem pra escola, efetivando sua participação na avaliação dos projetos e na proposição das melhorias necessárias ao funcionamento da escola. Podemos concluir pelo documento que a escola estabelece uma união fixa com a comunidade nesse momento, no qual a comunidade vai até a escola.

Contudo, tivemos dificuldade em estabelecer contato com os pais, dos quais também gostaríamos de ter avaliado a percepção quanto à educação integral e a arquitetura escolar. Desde a diminuição de turmas em turno integral, percebe-se que os pais têm pouca participação na dimensão do planejamento pedagógico. O gestor da escola expôs que a intenção das oficinas é que seu conteúdo, além de ser lúdico, leve os estudantes a aprender coisas práticas de aplicação para a qualidade de vida doméstica, sobretudo das famílias mais vulneráveis, como o aprendizado de como fazer sabão (oficina de horta), o que foi bem recebido pelos pais.

Desenhos: o que as crianças dizem (I)

A visão das crianças sobre o espaço escolar passa despercebida muitas vezes pelas pessoas que ali estão, ou que vão até lá para realizar uma avaliação do ambiente de ensino,

¹³ “O projeto dos Ceus foi concebido, desde sua origem, como uma proposta intersetorial [...]. Os Ceus inspiram-se na concepção de na concepção de equipamento urbano agregador da comunidade, com uma visão de educação que transcende a sala de aula e o espaço escolar”. (GADOTTI, 2009, p. 29).

¹⁴ Confirmamos esta frequência com os servidores municipais do CEU, o qual visitamos, procurando entender sua dinâmica. Foi revelador que a escola *Ciro Sosnosky*, mesmo sendo a mais próxima, utilize pouco o equipamento. O uso por outras escolas ainda é pequeno, o que revela pouca intersetorialidade na gestão de políticas de educação integral no território.

como no caso desta pesquisa, ainda que as crianças sejam os principais usuários do local. Por acreditar no potencial lúdico infantil, decidimos dar voz a esse sujeito, principal usuário do espaço educativo. “O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica da criança” (SARMENTO, 2011, p. 28), pois nessa expressão está descrita como a criança absorve a realidade que a cerca. Por isso, a proposta de desenhar com as crianças torna-se um ótimo instrumento para entendermos a visão do aluno.

Para a realização da atividade de desenho com os alunos do primeiro ano, cada criança desenhou primeiro a escola de tempo parcial e depois desenhou a escola de tempo integral. Durante a aplicação da atividade, a pesquisadora conversava com os alunos e eles a auxiliavam no entendimento do desenho, sendo registradas a parte as percepções dos estudantes. Participaram dessa atividade 26 crianças e ao total foram recolhidos 52 desenhos.

Para darmos crédito aquilo que a criança absorve e demonstra no espaço, para Aquino et al. “considerar a infância como categoria social implica em reconhecê-la como produtora de cultura [...]” (2011, p. 80). Precisamos nos apropriar das significações atribuídas pelas crianças à escola e assim avaliarmos corretamente este ambiente. Portanto, nas imagens que representam “a escola em que passo o dia todo” e a “escola parcial” devemos direcionar nossa atenção aos detalhes (que estão destacados), que representam a percepção da criança acerca do proposto nas atividades. Quando analisamos os desenhos, devemos analisar os detalhes, pois são esses que evidenciam os aspectos que precisamos compreender, que não é o desenho no todo que representa o pretendido.

No desenho em que as crianças representam a “escola em que passo o dia todo” (representado nas imagens a seguir), percebemos o quão presente são as oficinas de teatro e de meio ambiente, horta e jardinagem, pois conforme relato em outras atividades e observações, são esses os momentos em que é possível dar liberdade ao lúdico, dar vida à infância e, principalmente, sair do contexto rotineiro da sala de aula. Percebemos também que a escola é representada por meio da imagem de uma casa, simbolizando um lar, e existe também a presença de pessoas que não são só colegas.

Na imagem 02, a seguir, percebemos que a criança além de desenhar aspectos comuns em todas as escolas, representa a oficina de horta, meio ambiente e jardinagem com o desenho de uma horta (detalhe 1), representa também a oficina de teatro (detalhe 2). Já na imagem 03, a criança destaca a oficina de teatro (único detalhe). Apesar do diferencial dessas oficinas, observamos que o externo da escola é pouco representado, mesmo sendo representado pela

horta, pois na escola, como percebemos também em observações e entrevistas, o espaço externo é muito pequeno para a quantidade de área construída.

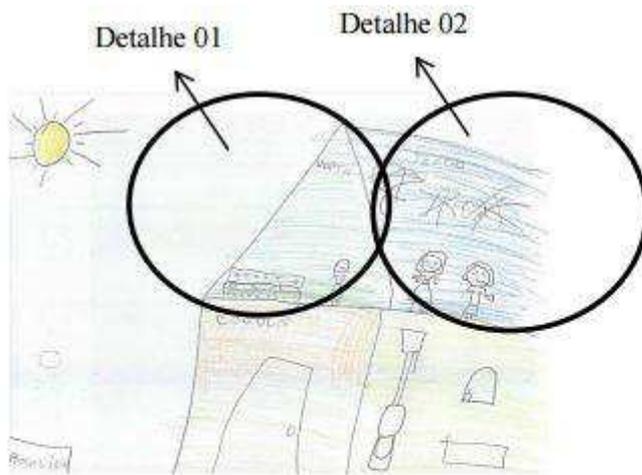


IMAGEM 02 – Desenho da escola em tempo integral



IMAGEM 03 – Desenho da escola em tempo integral

Já nos desenhos que representam a “escola parcial”, percebemos que ela é representada por grades, pelas crianças dentro das salas, sem contato com o externo, enfileiradas, com o professor à frente. Conforme destacado nas imagens 04 (único detalhe) e 05 (detalhe 02), as grades ganham ênfase ao se falar da educação parcial, simbolizando que servem para trazer segurança aos alunos que ali estão, ou seja, para simbolizar que fora da escola é perigoso. Essa mesma ideia de segurança imposta pelas grades é evidenciada nas falas dos entrevistados.

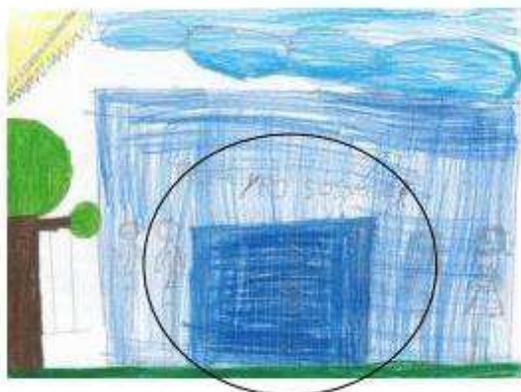


IMAGEM 04 – Desenho da escola em tempo parcial

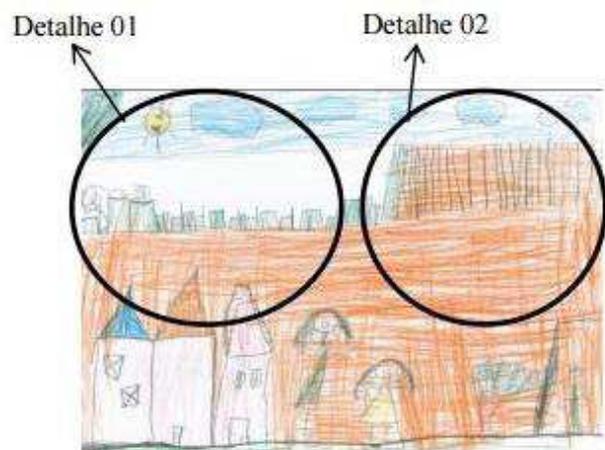


IMAGEM 05 – Desenho da escola em tempo parcial

Podemos ainda perceber na imagem 05 (detalhe 01) representa os alunos enfileirados, há uma a ideia de controle exercida pelo professor que está à frente da turma. Como nos faz refletir Frago e Escolano, a escola se tornou um “continente de poder” (1998, p.27) e o professor em sala, nessa organização, torna-se um reproduzidor dessa série de poder, mesmo que inocentemente.

Por outro lado, a atividade de desenho desenvolvida com crianças do 1º ano do ensino fundamental, pertencentes ao ensino integral mostra que eles praticamente não sentem diferença entre a educação tradicional e a educação integral; quando proposto a eles o desenho de um e de outro, percebeu-se o quanto inexistente é a apropriação de um ensino integral emancipador diante da subjetividade da metodologia.

Ao observarmos os desenhos, como nos mostra Aquino et al. (2011), “as características do espaço físico também podem facilitar ou inibir comportamentos numa forma de comunicação que indica as regras, os valores e a intencionalidade do espaço” (p. 82). Podemos entender que o excesso de grades nos desenhos, bem como a grande quantidade de representações de casas, configuram a segurança que a criança sente em estar no espaço escolar, pois fora da escola é bem mais perigoso.

Outro aspecto que podemos observar nos desenhos, é que pela falta de espaço aberto e com vegetação, a criança passa a entender que isso não faz parte da escola, pois na experiência vivenciada diariamente, ela não interage com a natureza.

Jogo da memória: o que as crianças dizem (II)

Para o desenvolvimento da atividade do “Jogo da Memória”, um jogo de percepção dos espaços por fotografias, a pesquisadora previamente visitou a escola para fotografar os ambientes, tanto aqueles que são específicos da educação integral, quanto aqueles que todas as turmas fazem uso e, diante disso, foram escolhidas nove imagens para trabalhar com os alunos. Participaram desta atividade 53 crianças, 28 do terceiro ano e 25 do quinto ano.

Na aplicação da atividade com as turmas do terceiro e quinto ano, a pesquisadora escreveu no quadro quatro questões orientadoras (que serão expostas posteriormente). Em seguida, os alunos de cada turma foram divididos em três grupos e foi solicitado a cada grupo que, ao receber a primeira imagem, discutissem suas opiniões sobre o espaço apresentado e que escrevessem em uma folha suas impressões, e assim sucessivamente com cada uma das nove

imagens. Durante a aplicação, a pesquisadora percorreu cada um dos grupos para auxiliar e instigar o pensamento crítico.

O Jogo da Memória foi realizado com duas turmas, porém a análise aconteceu sem que houvesse distinção de qual desenvolveu a resposta analisada. Para o desenvolvimento com os alunos, utilizamos as seguintes questões: i) como você se sente nesse espaço; ii) você acha que este é um espaço para ficar o dia todo; iii) o que poderia ter de diferente nesse espaço? e iv) o que você aprende nesse espaço?

Por exemplo, quando questionados sobre a sala de aula, em resposta a primeira questão -como você se sente nesse espaço, os alunos responderam que “é muito apertado”, agravando assim a sensação de “aperto” e gerando como consequência o mau comportamento e a dificuldade de aprendizagem. Como Kowaltowski (2011) nos faz refletir, para que a sala de aula seja minimamente considerada confortável, é necessário que os alunos consigam se movimentar livremente, porém, como descrito por eles, a sala de aula apresenta-se muito apertada.

A Foto 01 representa a sala de aula da 5ª ano e a Foto 02 representa a sala de aula do 3º ano do ensino fundamental. Ainda sobre a sala de aula, quando questionados sobre o que poderia ter de diferente nesse espaço, os alunos responderam “a cadeira e carteira melhor”, unindo essa resposta com a observação do comportamento dos alunos do primeiro ano, percebemos que as carteiras não possuem o formato e o tamanho correto para cada idade.



FOTO 01: Sala de Aula (5º ano)
Autor: Gleici Walker



FOTO 02: Sala de Aula (3º ano)
Autor: Gleici Walker

Para Kowaltowski:

A maior queixa dos alunos nas avaliações pós-ocupação em escolas é sobre o mobiliário, em especial as cadeiras, sempre consideradas duras [...]. Como o aluno fica sentado durante muitas horas, a ergonomia e a maciez das superfícies para sentar devem ser consideradas [...]. (2011, p.183)

Percebemos também durante a atividade de desenho, que os alunos do primeiro ano, por não conseguirem alcançar os pés no chão, permaneceram a maioria do tempo em pé. Fato comentado pela fala de um professor entrevistado. Portanto, como os alunos permanecem em uma jornada ampliada, a questão ergonômica assume um compromisso ainda maior no conforto dos alunos e no cansaço ao fim da jornada ampliada.

Sobre outros espaços trabalhados, como a área coberta do hall de entrada, os alunos oferecem sugestões de que nesse espaço existam outras possibilidades como “poderia ter brinquedos”, o que representa a necessidade das crianças de que na escola se tenham brinquedos para uso livre. Outra possibilidade sugerida pelos estudantes é a de que poderia ter “gente mais educada”, sendo que essa fala simboliza o desrespeito ocorrido entre os alunos. Podemos perceber entre os alunos ideias conflitantes, mas que sugerem uma necessidade de adequação, tanto física quanto comportamental.

Quando apresentada a imagem da sala de informática, a expressão de alegria e felicidade tomou conta dos alunos em ambas as turmas, aparecendo entre as respostas da primeira pergunta expressões como “felizes, porque nós aprendemos brincando” e “porque a gente se sente melhores esse horário”. Comparando esses apontamentos com a fala do professor 3, “[...] atividade das oficinas também é formadora, mas com outro objeto, que é ter mais ludicidade [...]”, percebemos que essas respostas demonstram a alegria das crianças em participar de uma atividade diferenciada, que saia da rotina e que a desenvolva intelectualmente de forma coletiva.

Como sugestões de mudança, os alunos demonstram a necessidade de haver um computador para cada aluno, “arrumar os computadores e ter um pra cada um”, ou “mais computadores, colocar uma internet de 5 mega pra melhorar”, que é confirmada na entrevista do professor 3 informando essas necessidades e ainda complementa que “[...] quando estraga um computador, se eu mandar pros técnicos da prefeitura, leva um mês, dois pra retorna [...]”, sendo que atualmente existem “[...] 17 computadores com as turmas em média 27 alunos [...]”, entre outras sugestões ergonômicas, como cadeiras mais confortáveis.

Um ambiente que gerou comentários positivos foi o espaço dedicado à horta pertencente à oficina de horta, jardinagem e meio ambiente. Expressões como “legal, espaçoso, fico com fome de tanta coisa gostosa” ou “bem porque ajudamos a plantar saladas e verduras”, aparecem nos comentários das crianças, mesmo o espaço sendo aberto, exposto às variações do tempo, ficando esse fato minimizado pela experiência de estar ao ar livre, fora da sala de aula. Para Faria (2011, p. 43) “espaços livres e pátios nos remetem à possibilidade de encontro, à

coletividade, à ideia de liberdade e de coletividade”, percebemos que o pátio, nesse caso, não serve apenas como uma atividade ao ar livre, mas também como uma forma de propor relacionamentos e também de instigar a coletividade.

Como aspectos não tão positivos, os alunos apontaram a necessidade de ter mais espaço, mais árvores e também que “colocar uma tela em cima das saladas, almentar as grades, melhorar as segurança da orta” não seria uma má ideia.

Quanto às fotos das oficinas de Português e Matemática, o que chama a atenção nas falas dos alunos é a dificuldade que eles tem em trabalhar nesse espaço por ser muito pequeno, por exemplo, no desenvolvimento de uma atividade lúdica, como um jogo, pois falta espaço para se movimentarem.

Sobre o espaço da oficina de teatro, mais uma vez aparecem percepções positivas como “a gente fica mais livre”, que enfatizam a alegria dos alunos ao sair da sala de aula de modelo tradicional. Como sugestão de mudança trazem “e mais espaços mais cortinas que o sol reflete na gente”, uma sala maior e cortinas mais grossas, ou quem sabe outra forma de evitar o reflexo do sol no espelho.

Walkthrough: o que o pesquisador diz

O *walkthrough*¹⁵, desenvolvido por meio de visita acompanhada pelo gestor e depois realizada individualmente pela pesquisadora em todos os espaços da escola, serviu-se de registro das percepções por meio de gravação de áudio com particular atenção para as oficinas de teatro e horta, jardinagem e meio ambiente, espaços abertos de recreação, descanso e refeitório, com auxílio de croqui¹⁶ e registro em fotografias.

¹⁵ *Walkthrough* é um instrumento de pesquisa qualitativa, utilizado tradicionalmente pelo GAE/UFRJ – Grupo Ambiente-Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁶ Planta baixa esquemática da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky.

sentar e todos respeitam essa organização, todos conseguem se movimentar com tranquilidade. No que diz respeito à iluminação refeitório poderia ser um pouco mais equiparado, pois mesmo, em dias sem sol⁴ é necessária a iluminação artificial. Pouco se utiliza das paredes com cartazes que poderiam aludir à formação nutricional.

Quanto à observação do momento de descanso, como destacado nas entrevistas, um dos principais transtornos está na ausência de um espaço específico para esse momento e, por isso, descanso acontece no mesmo local da sala de aula. Para as questões de conforto ambiental e visual, o ambiente torna-se um agravante por ser inadequado. Percebemos que o ambiente é muito claro, além da “poluição visual” causada pelos materiais didáticos na sala.

No que se refere ao pátio da escola, percebemos que o pouco espaço que tem é utilizado para a realização da Oficina de Horta, Meio Ambiente e Jardinagem. Portanto sobra aos alunos apenas o pátio existente entre as salas de aula, composto por muito concreto e pouca vegetação. Esse espaço reduzido gera nos alunos uma euforia muito grande, que acaba ocasionando “acidentes” entre eles.

Foram realizadas visitas ao entorno da escola e conhecemos dois espaços fora da escola, mas que são localizados próximos. Um deles é CEU (Centro Unificado de Cultura), mencionado nas entrevistas e está localizado a aproximadamente três quadras da escola. Nesse espaço há quadra para a prática de esportes, biblioteca, parquinho, sala de teatro e uma pequena sala de informática. No entanto, percebemos que nesse espaço não existe um aproveitamento pedagógico para as turmas integrais, apenas o uso esporádico. Outro espaço visitado é uma área verde, que está localizada há aproximadamente três quadras da escola, essa área é espaço é cercado, grande e bem conservado.



IMAGEM 07 : LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA CIRO SOSNOSKI E EQUIPAMENTOS VIZINHOS

Fonte: Google Earth (sem escala)

Edição: Alexandre M. Matiello

Para Faria (2012, p.107) “A educação integral precisa da ampliação de tempos e de espaços e de oportunidades educativas. Por isso ela não cabe só na escola. Ela precisa de toda a cidade.” Portanto, o CEU e a área verde podem ser aproveitados para uso da educação integral, uma vez que ela “[...] pode contribuir também com o **desenvolvimento local** já que ela busca descobrir e reconhecer todas as potencialidades das comunidades, integrando atividades sociais, culturais, econômicas,

políticas e educativas [...]” (GADOTTI, 2009, p.39, grifos do autor), por que não fazer uso desses espaços, que estão ali, esperando a comunidade fazer uso pedagógico.

CONTRIBUIÇÕES PARA O USO DO ESPAÇO ESCOLAR/TERRITÓRIO PARA AS ATIVIDADES DO PERÍODO INTEGRAL

Ao refletirmos sobre as análises de todos os instrumentos utilizados, percebemos que a Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky vem utilizando sua criatividade para desenvolver uma educação integral emancipadora. Porém, sentimos que existem muitas potencialidades que estão adormecidas, necessitando apenas de um “empurrão” para acontecerem.

Avaliamos também que a escola necessita de mais espaço físico, pois os alunos sentem-se oprimidos nas salas de aula apertadas, há também a necessidade de mais espaço aberto, de atividades que os tire da rotina de sala de aula. Como o espaço físico da escola é limitado quanto às salas, poderia ser pensada a diminuição do tamanho das turmas, bem como a adequação do mobiliário à faixa etária. Quanto à deficiência de espaço aberto, a alternativa seria a apropriação do bairro e dos equipamentos citados, que poderiam ser beneficiados com o uso por parte dos estudantes, dando vitalidade aos espaços.

A educação integral precisa se apropriar daquilo que a comunidade tem a oferecer, pois esses espaços estão ali, como diz o ditado popular “dando sopa”, estão praticamente implorando que a escola execute essa apropriação. Como ressalta Gadotti (2009), a escola precisa se apropriar de seu entorno, verificar quais potencialidades do bairro podem ser utilizadas para a educação integral.

A Oficina de Horta, Meio Ambiente e Jardinagem proporciona aos estudantes essa liberdade, porém, não é suficiente, pois as crianças permanecem nesse espaço durante 9 horas por dia, e só quarenta e cinco minutos não é suficiente para “gastar a energia” que as elas têm.

Outro espaço que atualmente está em desuso é da antiga localização do Centro de Educação Infantil Vila Páscoa¹⁸, localizado na mesma quadra da escola, separado apenas por uma cerca. Tanto pesquisadores quanto docentes percebem ali um bom local para expandir as práticas de ensino integral.

¹⁸ Em 2014 o CEIM foi transferido para um novo espaço, que está localizado há aproximadamente três quadras da escola. Ver imagem 01 com a localização das escolas públicas da Grande Efapi.

Além disso, outra sugestão é que nas áreas cobertas possam ser pensadas como espaços de realização de atividades das oficinas, por ser um local amplo e que também não irá atrapalhar o desenvolvimento das outras aulas. Para Matiello:

Neste sentido, afirmamos que é no reconhecimento da intencionalidade do espaço, desvelando o que está coberto, que adquirimos poder para ressignificá-lo, e assim, ao invés de apropriados por ele, dele nos apropriamos, fazendo da escola que temos a própria substância para construir a escola como queremos (2015, p.56).

Devemos, portanto, ressignificar tanto o espaço interno quanto o entorno da escola. Muitas vezes as mudanças necessárias são mais simples do que podem parecer, basta apenas nos motivarmos para transformar o que ainda é sonho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos fez crer ainda mais no quanto a educação integral é necessária ao aluno, pois para uma experiência de sucesso precisamos valorizar além dos espaços formais (escola), os espaços informais de aprendizagem (entorno da escola), obtendo como consequência uma educação baseada nos princípios da integralidade e não fragmentada.

Nas atividades desenvolvidas concluímos que as falhas não são resultado da “falta de vontade” dos docentes, mas sim de um espaço mal planejado, além de um projeto que não foi pensado no bem-estar do aluno, muito menos na jornada em tempo integral, gerando mais do mesmo, em que o aluno sai de uma sala de aula e entra em outra sala de aula como na escola tradicional de turno parcial. Contudo, percebe-se na compreensão dos docentes que a educação integral ainda não foi incorporada como um sentido mais amplo de formação dos sujeitos, mas ainda parece ser uma forma de entretê-los em um turno no qual as famílias não podem assisti-los e estariam “entregues à rua”. A centralidade da gestão da secretaria municipal da educação nos projetos da escola não encontra em uma iniciativa de capacitação dos docentes para a educação integral um igual paralelo por parte desse órgão.

Fomos surpreendidos ainda mais pela visão crítica das crianças, pois conseguimos perceber o quanto a criticidade está inserida no cotidiano deles já demonstraram capacidade cognitiva e intelectual para participar das atividades, correspondendo a todas as expectativas e contribuindo com sua percepção para indicar elementos que não estiveram tão evidentes nas entrevistas ou na observação do pesquisador.

Por outro lado, o espaço apresenta algumas falhas que nos fazem refletir sobre quais são realmente os problemas do “fracasso escolar”, pois “Especula-se que a falta de interesse deva-se à convivência com ambientes escolares pobres e ao desconhecimento de elementos que poderiam enriquecer esses espaços” (KOWALTOWSKI, 2011, p. 116). A fala de Kowaltowski nos faz pensar que a causa do fracasso escolar não está somente nas formas de ensino e aprendizagem, mas sim em ambientes pobres de estrutura, que foram confirmados pelos alunos e que necessitam de adaptações ergonômicas às condições da educação integral, bem como na superação do espaço da sala de aula e da escola como espaço privilegiado de aprendizagem, podendo-se olhar para o território do entorno da escola (MATIELLO, 2015).

Para Moll:

[...] Qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes, mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de um realidade que deveria ser outra (2013, p. 25).

Ness sentido, mesmo a questão da violência no bairro pode ser problematizada e contar com a comunidade em um engajamento que não tenha mais como motivação para não sair dos muros da escola o receio com a segurança dos estudantes. A partir da própria escola em tempo integral, essa questão pode receber um importante aporte para a mudança. Pudemos perceber que as possibilidades pedagógicas do espaço estão aí, esperando que a educação lhe faça a devida apropriação. Pode ser por uma pequena mudança, desde o sair da sala para uma simples leitura, porém, são nos pequenos atos que a educação fornece grandes transformações.

REFERÊNCIAS

AQUINO, L. M. L. de, GARCIA, P., OLIVEIRA, D. R. Pátio escolar na educação infantil e sua apropriação: contribuições a partir da perspectiva das crianças. In: AZEVEDO, G. A. N., RHEINGANTZ, P. A., TÂNGARI, V. R. (Org.) **O lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres: uso, forma e apropriação.** – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p. 77-87.

AZEVEDO, G. Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista. 2002. 202 p. **Tese** (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de pós-graduação em Engenharia, Rio de Janeiro, 2002.

DÓREA, C. R. D. Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: planejando escolas, construindo sonhos. Revista FAEEBA. Salvador, nº 13, p. 151-160, jan./junho, 2000.

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GONÇALVES, F. B., FLORES, L. R. Espaços Livres em Escolas – Questões para debate. In: AZEVEDO, G. A. N., RHEINGANTZ, P. A., TÂNGARI, V. R. (Org.) **O lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres: uso, forma e apropriação**. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p.23-34.

FARIA, A. B. G. de O pátio escolar como ter[ritó]rio [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N., RHEINGANTZ, P. A., TANGARI, V. R. (orgs). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livre: uso, forma, apropriação**. Rio de Janeiro: PROARQ, FAU/UFRJ, 2011. p. 35-44.

FARIA, A. B. G. de. Por outras referências no diálogo arquitetura e educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. **Em aberto**, Brasília, v.25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. [Tradução Alfredo Veiga-Neto]. Rio de Janeiro : DP&A, 1998.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **A Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino** – São Paulo: Oficinas de Textos, 2011.

MATIELLO, A. M. “Afetar a cidade”: a experiência da formação de professores na educação integral e na incorporação de novos territórios educativos. In: LEITE, L. H. A.; CARVALHO, L. D. (orgs.). **Anais do I Seminário Internacional de Educação Integral: observando realidades e construindo compromisso**. – Belo Horizonte: UFMG – Faculdade e Educação, 1ª edição, 2015. p. 49-65.

MOLL, J. (org.). **Caderno territórios educativos para educação integral**. Série Cadernos Pedagógicos. Brasília: MEC/Mais Educação, 2013.

Projeto Político Pedagógico – PPP. Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky. 2016. 85p.

SARMENTO, M. J., Conhecer a Infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. FILHO, A. J. M., PRADO, P. D. (orgs.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

FULL-TIME EDUCATION, THE SCHOOL SPACE AND THE TERRITORY IN ITS SURROUNDINGS: THE EXPERIENCE OF SCHOOL PARK CITIZEN CYRO SOSNOSKY.

ABSTRACT:

This article is the result of a survey conducted at the School Citizen Park Cyro Sosnosky, which aimed to understand the influence of architecture and in the educational processes of full-time education. Specific objectives: to verify the favorable and unfavorable aspects of the Citizen Park School Cyro Sosnosky architecture for full-time education and their educational practices; identify the perception of students, teachers and administrators about the school environment and point suggestions for change or stay for the realization of teaching practices in full-time.

The idea of working with this issue arose by questioning about the appropriation of school space educators and if there is any limitation in educational planning generated by the architectural planning of the school. Through qualitative multimethod approach, the results were analyzed: semi-structured interviews with teachers and administrators, Walkthrough, Memory Game and drawing, and the last two instruments were applied to children from first to fifth year of elementary school. As a theoretical framework, we rely on the contributions of the authors regarding the integral education and educational spaces architecture. We highlight as results not incorporating a comprehensive education proposal in its entirety; lack of ownership by the school to make use of the territory in its surroundings, the need for upgrading of spaces as well as expansion of physical space, and the lack of encouragement and continuing education by the municipal secretary of education.

Keywords: Integral Education; School full-time; school architecture.

Educación en tiempo integral, espacio escolar y territorio en su entorno: la experiencia de la *Escola Parque Ciudadã Cyro Sosnosky*.

Resumen: el artículo es resultado de una investigación realizada en la Escola Parque Ciudadã Cyro Sosnosky [Escuela Parque Ciudadana Cyro Sosnosky] y tuvo como objetivo general comprender la influencia de la arquitectura en los procesos educativos de la educación en tiempo integral. Como objetivos específicos: averiguar los aspectos favorables y desfavorables de la arquitectura de dicha escuela para la educación en tiempo integral y para sus prácticas educativas; identificar la percepción de los estudiantes, docentes y gestores acerca del espacio escolar y señalar sugerencias de cambios y permanencias para realización de prácticas de enseñanza en tiempo integral. La idea de trabajar con ese tema surgió a partir de un cuestionamiento que se hizo sobre como los educadores se apropian del espacio escolar y si hay alguna limitación en el proyecto pedagógico se genera por cuenta del proyecto arquitectónico de la escuela. A partir del abordaje cualitativo multimétodo, fueron analizados los resultados de: entrevistas semi-estructuradas con docentes y gestores, *Walkthrough*, juego de la memoria y el diseño, siendo que los dos últimos instrumentos fueron aplicados a alumnos de primer a quinto año de la enseñanza fundamental. Como referencial teórico, nos apoyamos en las contribuciones de los autores que discuten acerca de la educación integral y de la arquitectura de espacios educativos. Destacamos como resultados: no hay incorporación de la propuesta de educación integral en su totalidad; falta una apropiación adecuada del entorno territorial escolar; necesidad de readecuarse a los espacios, más allá de ampliación del espacio físico; ausencia de incentivo y formación continuada por parte de la secretaría municipal de educación.

Palabras clave: Educación Integral. Escuela en tiempo integral. Arquitectura escolar.